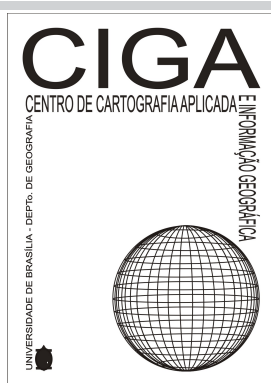


**ONDE MORA O XANGÔ? FATORES DE
LOCALIZAÇÃO
DE TERREIROS AFRO-RELIGIOSOS ÀS
MARGENS DO RIO ÁGUA FRIA –
RECIFE (SÉCULOS XIX - XX)**

Bruno Maia Halley

p. 29-54

revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.5, N.1 (2014), 29:54
ISSN: 2177-4366

Como citar este artigo:

HALLEY, B. M. ONDE MORA O XANGÔ? FATORES DE LOCALIZAÇÃO DE TERREIROS AFRO-RELIGIOSOS ÀS MARGENS DO RIO ÁGUA FRIA – RECIFE (SÉCULOS XIX - XX). Revista Eletrônica:

Tempo - Técnica - Território, v.5, n.1 (2014), p. 29:54 ISSN: 2177-4366.

Disponível em:

<http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/216/156>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

ONDE MORA O XANGÔ? FATORES DE LOCALIZAÇÃO DE TERREIROS AFRO-RELIGIOSOS ÀS MARGENS DO RIO ÁGUA FRIA – RECIFE (SÉCULOS XIX - XX)

Bruno Maia Halley,

Doutorando em Geografia pela UFF, e Pesquisador Associado do Laboratório de Estudos Sobre Espaço, Cultura e Política – LECgeo da UFPE, E-mail: bhalleype@hotmail.com

Resumo: O texto aborda os fatores de localização dos terreiros de Xangô na cidade do Recife, no contexto do decênio de 1930, numa área limítrofe ao município de Olinda, às margens do antigo rio Água Fria (atual Canal Vasco da Gama-Peixinhos), afluente do rio Beberibe. Resgata, assim, no âmbito da Zona Norte da cidade, as razões históricas e os fatores geográficos da concentração espacial dos centros de culto afro-religioso às margens destes cursos d'água, que influenciaram decisivamente na formação dos arrabaldes outrora situados na zona conhecida como "Beberibe de Baixo" e adjacências, no transcorrer do final do século XIX e primeira metade do XX. À luz deste período, são enumerados os líderes afro-religiosos e seus terreiros, representados cartograficamente ao longo do rio supracitado.

Palavras-Chaves: Terreiros de Xangô; Rio Água Fria (Rio Beberibe); Formação Territorial; Arrabaldes; e Recife.

Abstract: The text discusses the location factors of "terreiros" of Xangô in the city of Recife, in the context of the decade 1930, in an area adjacent to the city of Olinda, to the margins of Água Fria old river (current Channel Vasco da Gama-Peixinhos), tributary of the Beberibe river. Revisits thus within the North Zone of the city, the historical reasons and the geographical factors of the spatial concentration of centers of afro-religious worship on the banks of these water courses, that decisively influenced in the formation of the suburbs formerly located in the area known as Beberibe de Baixo and adjacencies, in the course of the end 19th century and first half of the 20th century. In light of this period are listed the african-religious leaders and their terreiros, cartographically represented along the river above-mentioned.

Keywords: Terreiros of Xangô; Água Fria River (Beberibe River); Territorial Formation; Surroundings; and Recife.

Resumen: El texto analiza los factores de localización de los "terreiros" de Xangô en Recife, en el contexto de la década de 1930, en un área adyacente a la ciudad de Olinda, en las orillas del antiguo río Agua Fría (hoy Canal Vasco da Gama-Peixinhos), un tributario del río Beberibe. Rescata así dentro de la Zona Norte de la ciudad, las razones históricas y los factores geográficos de la concentración espacial de los centros de culto africano en las orillas de estos cursos de agua, que influyó decisivamente en la formación de los suburbios, una vez ubicados en la zona conocida como "Beberibe de Baixo" y alrededores, en el curso de finales del siglo XIX y principios del XX. A la luz de este período, se menciona a los líderes afro-religiosos y sus "terreiros", representados cartográficamente a lo largo del mencionado río.

Palabras clave: Terreiros de Xangô; Río Agua Fria (Río Beberibe); Formación Territorial; Alrededores; y Recife.

Notas Introdutórias

O texto aborda os fatores de localização dos terreiros de Xangô no Recife do decênio de 1930, numa área limítrofe ao município de Olinda, às margens do antigo rio Água Fria (atual Canal Vasco da Gama-Peixinhos), afluente do rio Beberibe. Resgata, assim, no bojo da Zona Norte da cidade, as razões históricas e os fatores geográficos da concentração espacial de centros afro-religiosos nas circunvizinhanças destes cursos d'águas, que influenciaram decisivamente na formação dos arrabaldes do outrora “Beberibe de Baixo”, e povoados adjacentes, ao longo do final do século XIX e primeira metade do XX.

Nesse sentido, ao elucidar as razões histórico-geográficas desta formação, o trabalho realiza uma retrospectiva da origem dos cultos afro-religiosos na região drenada pelo rio Beberibe, destacando tanto a existência do Quilombo do Malunguinho nas matas do Catucá, que tinha início às margens do referido rio, quanto os relatos de viajantes que registraram a presença do negro nos arredores do Recife e Olinda, ao longo da primeira metade do século XIX. Outrossim, revisita-se estudos pioneiros centrados nos primeiros indícios do Xangô em Pernambuco, que abordam as ligações desta religião com os maracatus e clubes de frevo no final do século XIX.

Ademais, o texto centra sua análise nas transformações ocorridas no espaço recifense com o advento do Estado Novo (1937-1945), e com ele, o processo de modernização e “higienização” das suas ruas e bairros centrais, calcados, sobretudo na erradicação dos mocambos, e no controle e repressão às casas de Xangô - estas expulsas para os arredores da cidade. Dentro deste contexto, mostrar-se-á a atuação dos grupos afro-religiosos do Beberibe de Baixo e circunvizinhança, que passaram a elaborar inúmeras estratégias territoriais como forma de assegurar às suas práticas, habitações e lugares simbólicos, dotando de significados os arrabaldes, e depois, os bairros no bojo da formação territorial do Recife.

Onde Mora o Xangô? Fatores de Localização dos Terreiros às Margens do Rio Água Fria - Séculos XIX e XX

Ao refletir sobre o processo de expansão urbana do Recife, faz-se necessário ressaltar que nos últimos decênios do século XIX, parcela significativa dos engenhos de açúcar situados às margens dos rios Capibaribe e Beberibe já havia se transformado em subúrbios ou povoações periféricas (MELO, 1940). Com o desenvolvimento dos transportes coletivos, as terras onde ficavam as suas

instalações foram sendo ocupadas por povoações, que, por sua vez, tornar-se-iam em bairros e subúrbios com o avançar da urbanização no século XX. Não olvidando que com a decadência da economia açucareira e o advento de usinas em lugares mais distantes, as propriedades da planície transformaram-se ao longo dos séculos XVIII e XIX, em sítios ou chácaras chamadas arrabaldes.

Na concepção de Andrade (1979), esses arrabaldes consistiam em casas de pessoas abonadas, construídas em meio de grandes sítios e utilizadas para passar as festas de fim de ano. Nos arrabaldes as famílias dispunham de extensas áreas para o cultivo de fruteiras, maior facilidade de abastecimento de água, de rios para os banhos, para usos medicinais, para o transporte etc. Condições privilegiadas para os moradores do “agitado” núcleo da cidade (Recife, São José, Santo Antônio e Boa Vista), que durante os meses de verão mudavam-se para os arredores em busca da amenidade do clima, do sossego, dos hábitos mais saudáveis ou mesmo para tratamento de alguma enfermidade. Tempos depois, porém, com a melhoria da comunicação centro-periferia, essas “casas de temporada” acabaram se tornando em residências permanentes, estando a maioria destes sítios situados nas várzeas do rio Capibaribe: Torre, Madalena, Poço da Panela, Apipucos, Casa Forte... Outra pequena parte, de menor poder aquisitivo, encontrava-se estabelecida às margens do rio Beberibe, tendo como principal referência o arrabalde de mesmo nome.

Outrora situado na vizinha Olinda, o arrabalde de Beberibe caracteriza-se na segunda metade do século XIX por “notáveis e abundantes [...] construções, em sítios e em prédios, avultando, porém as habitações de construção ligeira, humilde mesmo, vindo daí uma grande e animada população”, rememora Costa (1983, vol. 4, p. 161). Essas habitações humildes recobertas de taipa, barro e folhas de flandres constituíam-se em “mocambos”, e eram ocupadas em sua maioria por negros e mulatos (CASTRO, 1968). Sua proliferação nos arredores do Recife deve-se, dentre outros fatores, ao resultado do desenvolvimento do serviço de transportes coletivo na cidade, com as diligências a tração animal e com os trens chamados de “maxambomba”¹, que tornaria o uso do arrabalde mais frequente e acessível às classes menos favorecidas. À medida que essas locomotivas iam ampliando seus tentáculos com outros ramais de comunicação, estimulavam o desenvolvimento das povoações por elas servidas e das que ficavam no seu caminho, engendrando uma espécie de “crescimento tentacular” no Recife. Com efeito, partiam do centro insular rumo ao continente, cinco

¹ Conduzida pela companhia *Trilhos Urbanos do Recife a Apipucos*, a “maxambomba” trafegou inicialmente (1867) pelos arredores às margens do rio Capibaribe (Ponte d’Uchoa, Casa Forte, Monteiro, etc.) através da linha “Caxangá”. Anos depois, em 1871, com abertura da linha rumo à Olinda e Beberibe, a locomotiva passou a atender os aldeamentos localizados a noroeste do Recife, em direção à várzea do rio Beberibe. Até o ano de 1922, as “maxambombas” trafegaram na cidade do Recife, sendo substituída em seguida pelos bondes elétricos (SETTE, 1978; 1938).

direções de expansão (Norte, Noroeste, Oeste, Sudoeste e Sul), orientados tanto pelas estradas suburbanas dos trens a vapor, como pelos cursos naturais dos rios da planície.

Dentre os povoados formados ao longo deste processo, estavam àqueles situados na Estrada Nova de Beberibe (atual Avenida Beberibe), cuja construção teve início em 1866, e começava na Encruzilhada, seguindo pelas povoações do Arruda, Água Fria, Fundão e Porto da Madeira, até alcançar o aglomerado mais próspero de Beberibe. Às margens deste caminho, em meio a morros, braços d'águas, manguezais e alagados, fez-se multiplicar inúmeros sítios e loteamentos semi-urbanos, sobretudo na zona anteriormente conhecida por “Beberibe de Baixo” (hoje, bairros do Arruda, Água Fria e Fundão), situada entre as terras baixas drenadas pelo rio Água Fria (atual canal Vasco da Gama-Peixinhos) e as colinas da Zona Norte do Recife. O loteamento inicial desta região em 1867² permitiu a ocupação mais acelerada na várzea do riacho supracitado, que já se mostrava bastante povoada na *Planta da Cidade do Recife e seus Arredores*, de 1876 (Figura 01).

As linhas e contornos da litografia de F. H. Carls revelam quadras regulares e ortogonais, ocupando uma área perpendicular ao trecho da atual Avenida Beberibe entre a Encruzilhada e Água Fria, no ponto de junção entre aquela estrada então recém-construída, e a Estrada Velha de Beberibe, que partia do endereço na época chamado Cruz das Almas (bairro da Tamarineira). O traçado da planta ainda possibilita identificar a Capela de Santo Antônio, construída no ano de 1873, e a presença de diversos mocambos espalhados nas ruas centrais do loteamento suburbano (ruas do Machado, Regeneração, José Austregésilo, e das Moças). Ademais, quando observado o pormenor da planta de Carls (Figura 01), com o quadro de ocupação do Beberibe de Baixo ampliado e enriquecido por informações contidas em outras fontes³, dentro de um recorte temporal estendido entre os anos de 1876 a 1924⁴, percebe-se com clareza os principais elementos de povoamento da região, com destaque para a malha de ruas e quadras expandidas às áreas de morros e córregos (Alto do Pascoal e Córrego de São Sebastião); para o número expressivo de mocambos; e para a presença de dois centros de culto afro-religiosos, chamados no Recife de Xangôs⁵.

² Segundo Araújo (2007), o primeiro loteamento das terras do Beberibe de Baixo ocorre em 1867, quando a Senhorinha Germana do Espírito Santo solicitou licença da Câmara de Olinda para lotear o sítio de sua propriedade, o chamado Beberibe de Baixo, onde pretendia iniciar uma povoação. Anos mais tarde, em 1869, houve a divisão das terras vizinhas do Sítio Água Fria, de propriedade do Sr. Pedro de Sousa Tenório (COSTA, 1981), cuja designação, tudo faz crer, estava ligada ao afluente do Beberibe que ali drenava a região, o rio Água Fria.

³ Menezes (1988), Freyre (1968), Fernandes (1937), e a Planta do Departamento de Saúde e Assistência do Recife, pertencente ao acervo do Arquivo Público Jordão Emerenciano.

⁴ Este recorte temporal baseia-se nas datas de elaboração de duas plantas utilizadas: 1876 – Planta da Cidade do Recife e Seus Arredores (F. H. Carls); e 1924 – Planta do Departamento de Saúde e Assistência do Recife.

⁵ De acordo com Gomes Costa (2009), a palavra Xangô em Pernambuco tanto caracteriza a religião afro-brasileira, voltada para o culto do *orixá* (ancestral ou divindade na concepção africana), assim como o local onde ocorre o próprio culto, denominado de

Outrossim, nota-se neste período, na outra margem do rio Água Fria, a ocupação inicial de povoados adjacentes à região do Beberibe de Baixo: Campo Grande, Encruzilhada, Mangabeira, Tamarineira, e Casa Amarela. Em resumo, o povoamento destes lugares resultara da abertura de ruas paralelas ao longo da Estrada de Belém, e do loteamento de sítios em Campo Grande; do cruzamento de caminhos trilhados por linhas de maxambombas na Encruzilhada; da proximidade física da Mangabeira com relação à Estrada Velha de Beberibe e aos meandros do rio Água Fria; e da subdivisão de propriedades na Tamarineira e Casa Amarela⁶, no bojo do advento dos trens a vapor nas estradas do Limoeiro e do Arraial, respectivamente. Ademais, no tocante à Tamarineira, vale rememorar a construção do Hospital de Alienados de Pernambuco, em 1887 (VIANNA, 1970).

No entanto, ao se analisar o processo de ocupação destes arrabaldes, ao longo do final século XIX e limiar do XX, observa-se uma especificidade marcante referente ao papel desempenhado pelo “povo de santo”⁷, que mesmo diante de um contexto de controle e repressão étnico-religiosa, elaboraram e reelaboraram estratégias para se organizarem na região do rio Água Fria. A partir desta resistência, os grupos sociais negros que buscavam a manutenção de suas práticas, habitações, e lugares simbólicos, acabaram também por estender o tecido da cidade em áreas marginalizadas pela elite e instâncias político-econômicas, redefinindo os arrabaldes, e depois, os bairros.

À luz deste processo, e buscando resgatar a história destes afro-religiosos, pretende-se a partir deste instante revisitar a presença pretérita do Xangô na circunvizinhança do rio Água Fria, rememorando seus líderes e os endereços de suas casas. Com efeito, remonta ainda do século XIX o primeiro indício de Xangô no Beberibe de Baixo, com o advento da casa *Ilê Obá Ogunté*⁸, na Estrada Velha de Beberibe (atual Estrada Velha de Água Fria), imediações da estação de trem Chapéu do Sol. A data de sua fundação é imprecisa. Segundo a tradição oral, a construção da casa

terreiro, no qual acontecem as festas litúrgicas chamadas de ‘toques’, que também recebem o similar de Xangô. Ou seja, o termo Xangô no estado é polissêmico. Desde a década de 1930, a polícia e a sociedade vigente nunca fizeram distinção entre a diversidade das religiões afro-brasileiras, sempre denominando todas as categorias dessas religiões ora de Xangôs, ora de umbandas, ou de catimbós, macumbas, porém o termo Xangô ficou mais popularizado, possivelmente devido a sua polissemia, principalmente entre a repressão policial. Assim, utiliza-se no presente trabalho a terminologia Xangô como referência maior para caracterizar as religiões afrodescendentes no Recife quando se discute essas religiões e seus espaços a partir do recorte temporal proposto (1866-1945). No entanto, quando o texto se propuser analisar questões mais específicas relacionadas ao Serviço de Higiene Mental, na década de 1930, que considerava alguns terreiros à época de “baixo-espiritismo” ou de tendências “impuras”, far-se-á uso também, como forma de melhor elucidar as distinções em termos de relações sociais, de outras terminologias, a exemplo da Umbanda, Jurema e Catimbó, que mesclam às tradições indígenas, cristãs e kardecistas nos seus cultos.

⁶ A título de exemplo, cita Costa (1981) um anúncio do Diário de Pernambuco, de 1875, sobre a venda de sítios em Casa Amarela: “Sítio no Arraial, próximo a estação de Casa Amarela, arborização de fructas, baixas para capim, casa de taipa, tanque e cacimba, excelente água, 2.000 palmos de frente” (Diário de Pernambuco, 26 de outubro de 1875, p. 6).

⁷ Adeptos das religiões afro-brasileiras.

⁸ Na ordem do dia, o terreiro *Ilê Obá Ogunté* (ou “Sítio de Pai Adão”) constitui-se um dos mais tradicionais terreiros do Recife, revestindo-se de uma significativa importância, na condição de casa matriz do Xangô pernambucano, e doravante, das tradições afro-religiosas da cidade. Encontra-se situado no mesmo lugar de origem, na Estrada Velha de Água Fria, outrora chamada de Estrada Velha de Beberibe, apresentando como traço característico a ortodoxia, sendo o ritual nagô sua prática constante e única.

iniciou-se no último quartel do século XIX, ou há aproximadamente cento e quarenta anos (PEREIRA, 1994). Sua fundadora teria sido a mãe de santo Inês Joaquina da Costa, conhecida como “Tia Inês”. Nessa época, Felipe Sabino da Costa, o conhecido Adão, já residia na sede e era filho de santo da *yalorixá*⁹. Após o falecimento de Inês, em 1919, o terreiro - espaço da prática religiosa - passou a ser conduzido por Adão, um *babalorixá*¹⁰ de personalidade extraordinária, com espírito de liderança incomum, a ponto de haver praticamente uma devoção à sua figura (FREYRE, 1968; BRANDÃO & MOTTA, 2002; FERNANDES, 1937).

⁹ O mesmo que mãe de santo. Sacerdotisa chefe do terreiro.

¹⁰ Sacerdote chefe do terreiro. O mesmo que pai de santo.

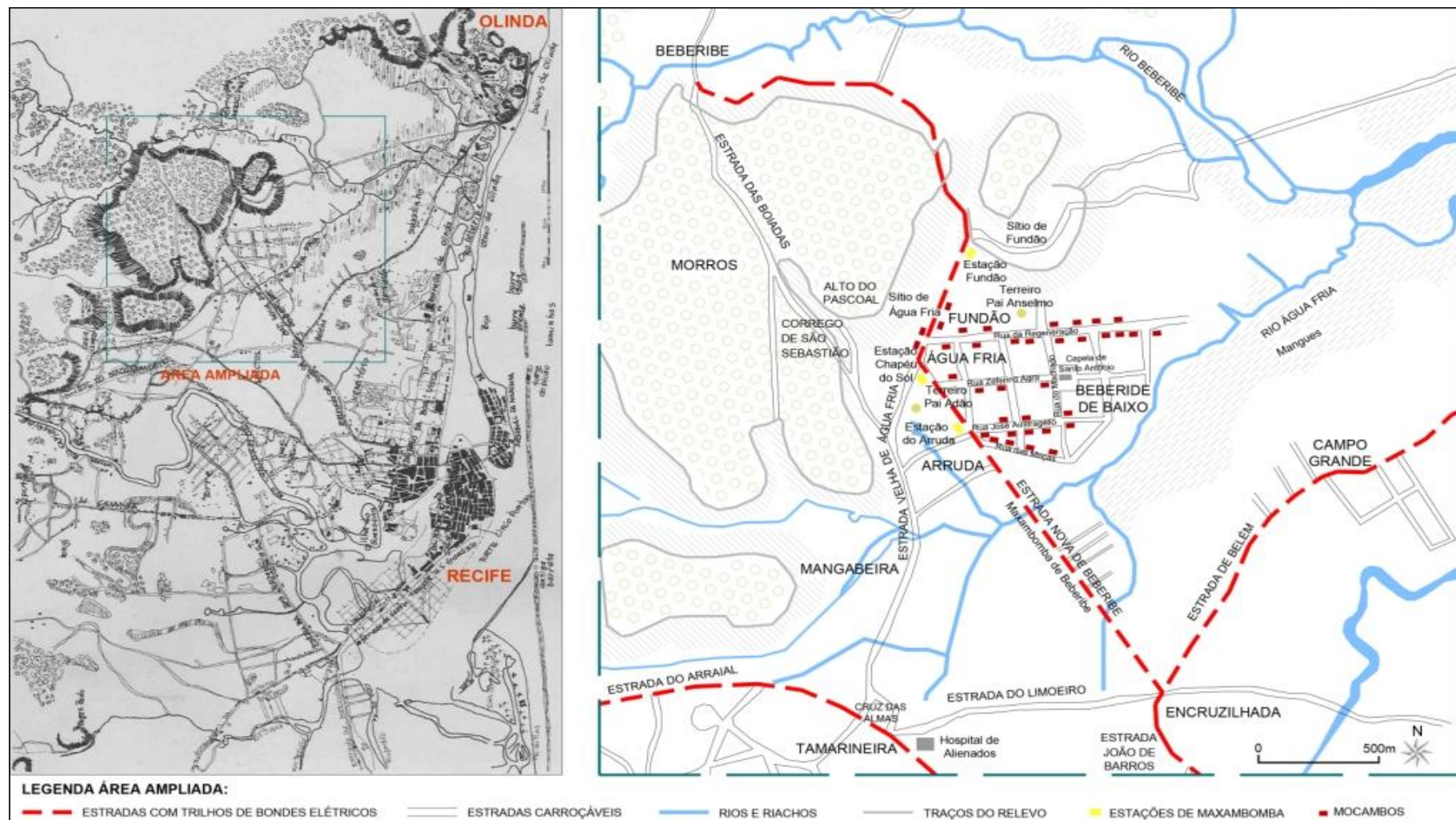


Figura 01: Planta da Cidade do Recife e Seus Arredores (F. H. Carls) - Pormenor dos Povoados do Beberibe de Baixo (1876) com informações adicionais da Planta do Departamento de Saúde e Assistência Médica do Recife, de 1924. **Fonte:** Menezes, 1988. **Desenho:** Autor do texto / Daniella Burle de Loiola.

Afora o “Sítio de Pai Adão”, tinha-se como uma das primeiras casas de Xangô no Beberibe de Baixo, a sede africana do pai de santo Manuel Anselmo Reis Hipólito. O terreiro de Anselmo, datado entre as décadas de 1920-1930, localizava-se no “areal interminável da Rua da Regeneração” (FERNANDES, 1937), configurando-se num centro de culto afro-religioso de similar expressão quando comparado ao famoso terreiro de Adão, e estava situado “entre as casinhas de barro sumidas na mucambaria do Fundão”, no dizer de Freyre (1968, p. 100). Neste lugar, ainda encontrava-se, o terreiro do Círculo Panteísta, do pai José Amaro; o do *babalorixá* Mariano da Silva¹¹, à Rua Marcílio Dias; e a casa de Santo Antônio, na Rua do Craveiro, que tinha como líder mãe Maria Celina. Ademais, avistava-se no Beberibe de Baixo, a Seita Africana Xambá, do pai Arthur Rosendo Ferreira; o da Rua Mangerico, do pai João Nepomuceno Sampaio; e o terreiro de Sant’ana, da *yvalorixá* Joana Batista (a Joana Bode), ambos em Água Fria. No Arruda, a casa devotada à Santa Bárbara, com endereço na Rua das Moças, conduzida pela mãe Josefa Guedes Pereira (Dona Zezinha), e, na foz do rio Água Fria, a sede da mãe Amália Maria Lima, no lugar Peixinhos (CAVALCANTI, 1935; FERNANDES, 1937; FREYRE, 1968; Diário de Pernambuco, 13 de fev. de 1938).

Além destas casas supracitadas, havia igualmente na outra margem do riacho, um número expressivo de xangôs. No povoado circunvizinho da Encruzilhada, encontrava-se a casa da mãe chamada “Velha Rosa”, e os terreiros do patriarca Apolinário Gomes da Motta, e do pai José Gomes da Silva, de apelido Neri, afora a casa do pai Antônio Félix Marinho, no lugar Ilha João de Barros (FERNANDES, 1937; FREYRE, 1968; Diário de Pernambuco, 13 e 15 de fev. de 1938); e no arrabalde de Campo Grande, os terreiros de Maria das Dores (o Santa Bárbara), o de José da Costa (o terreiro *Obaruidá*), o de Oscar de Almeida (Casa de São Sebastião), e o da mãe Maria das Dores da Silva (Senhor do Bonfim) (CAVALCANTI, 1935; FERNANDES, 1937). Outrossim, havia nas ruas adjacentes à Estrada de Belém, o terreiro do pai José Antônio da Rocha (a casa Flor do Oriente), o de Manoel Sirqueira, de José Fausto de Oliveira, de Heleno M. de Sousa, e o de Sebastião F. da Silva; além das casas conduzidas pelas mães Lídia da Silva, e Marcionilla Maria da Conceição (Diário de Pernambuco, 13 fev.

¹¹ De acordo com Freyre (1968, p. 103): “O terreiro de Mariano está no Fundão de Dentro [...] É um *babalorixá* genuíno. Faz matança de animais para o sacrifício segundo o mais puro ritual. Distribui a carne pelos filhos e guarda por vários dias os ossos no peji. Danças e estilos autênticos”.

de 1938). Essa concentração de terreiros na década de 1930 respalda a opinião de Cavalcanti (1935, p. 244), segunda a qual:

a maioria das seitas africanas está localizada na Zona marginal às linhas do Beberibe e Campo Grande, arrabaldes pobres da cidade. Encruzilhada, Água Fria, Arruda, Chapéu do Sol e Fundão, por todos esses lugares se encontram terreiros. Terreiros de culto nagô, gege, xanhá com predominância de nagô.

A afirmativa de Cavalcanti assemelha-se com a de Fernandes (1937, p. 20): “Ocupam, como se vê, ruas afastadas de arrabaldes distantes do centro da cidade, sendo que na zona correspondente à estrada do Beberibe e Campo Grande se encontram em sua grande maioria esses terreiros [...]”. No entanto, faz-se importante registrar que essa concentração de xangôs no Beberibe de Baixo e adjacências (Campo Grande e Encruzilhada) também se estendia na época aos arrabaldes da Mangabeira e Casa Amarela, ao longo do já mencionado rio Água Fria (afluente do Rio Beberibe), reduto da mais ampla sucessão de xangôs conhecidos no Recife de outrora. Por conseguinte, na Mangabeira, vizinho ao Arruda, existia o terreiro dos Navegantes, do pai Severino Bezerra, e a casa de São Jerônimo, que tinha como liderança o patriarca José Cláudio de Almeida (CAVALCANTI, 1935; FERNANDES, 1937). Em Casa Amarela, contava-se a presença de dois centros afro-religiosos: o de pai Janio José Chagas; e o da mãe Guida (ou Idida) F. Mulatinho (Diário de Pernambuco, 13 de fev. de 1938).

Deixando o raio de xangôs do rio Água Fria, encontravam-se ainda outros terreiros ao longo da planície recifense: três ao longo do rio Beberibe – um em Porto da Madeira, na Rua Joaquim Portela, do pai Arthur Alves, um em Salgadinho (Olinda), da mãe Maria L. de Almeida, e outro em Santo Amaro, do chefe de terreiro Manoel M. da Silva; cinco ao longo do rio Capibaribe – dois na Várzea (lugar Bomba Grande), das mães Maria Anunciada e Baiana Joana, um na Iputinga, de pai Tibúrcio Braga, um no Cordeiro, de Virginia da Conceição, e mais um em Afogados, que tinha a chefia da mãe Alayde Maria do Carmo (FREYRE, 1968; BRANDÃO, 1988; Diário de Pernambuco, 13 e 15 de fev. de 1938); outros dois terreiros situavam-se às margens do rio Tejió, no povoado de Totó: o Centro Africano São Jorge, do líder Lucio Alves Feitosa (o popular “Paisinho”), e o terreiro de Santa Bárbara, conduzido por João de Deus da Silva (BRANDÃO, 1988; Diário de Pernambuco, 13 de fev. de 1938; LIMA, 1937). E, finalmente, um terreiro estava estabelecido nas terras drenadas pela

bacia do Pina¹², representado pela mãe “Preta Fortunata”, outrora também conhecida como “Baiana do Pina” (FERNANDES, 1937).

Além destes sacerdotes mencionados, fora ainda possível identificar, na pesquisa em andamento¹³, a existência de mais 10 líderes afro-religiosos no Recife dos anos 30¹⁴, a partir do cruzamento de referências contidas nos estudos de Freyre (1968)¹⁵, Brandão (1988), Cavalcanti (1935), Fernandes (1937), Lima (1937), Alvarenga (1948), e as edições do Diário de Pernambuco de 13 e 15 de fevereiro de 1938. Contudo, nas fontes consultadas, não há nenhuma referência a respeito dos terreiros desses líderes, tampouco seus endereços, mas somente indícios distantes de uma posição efetivamente segura para o registro e localização destes xangôs no presente texto.

Por outro lado, ressalta-se que dos 40 terreiros aqui listados (com os nomes dos xangôs e seus respectivos chefes religiosos), um número de 29 situava-se nos arredores do rio Água Fria, sendo que outros 3 estavam endereçados às margens do rio Beberibe (Figura 02). Números reveladores tanto de uma concentração de xangôs nesta região do Recife e Olinda, quanto de uma importância conferida a estes centros, objetos de estudos publicados na época, em sua maioria, por médicos e intelectuais envolvidos com o Serviço de Higiene Mental de Pernambuco. Órgão criado em 1932, em pleno contexto de perseguição étnico-religiosa aos afrodescendentes, cujo objetivo principal centrava-se em conhecer, controlar e diferenciar os xangôs tradicionais, estes compreendidos como uma reminiscência da religião africana, e os catimbós¹⁶ (os xangôs impuros), entendidos como uma deturpação moral ou charlatanismo (FRANÇA LIMA, 2005; BRANDÃO, 1986).

¹² Situada numa área de mangue, a bacia do Pina corresponde a confluência dos rios Capibaribe (braço sul), Tejipió, Jordão, Jiquiá e Pina, que despejam suas águas conjuntamente ao sul do bairro do Recife, no Oceano Atlântico. Conforma-se na parte meridional do estuário comum dos rios da planície recifense.

¹³ Pesquisa de doutorado em andamento do Autor do Texto no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, que tem como título provisório *Cidade-Veneza x Cidade-Catimbó: Espaços de Controle e de Estratégias Territoriais Afro-Religiosas no Recife de Outrora (1866-1945)*.

¹⁴ *Babalorixás*: Luiz José da Silva, Honório Rodrigo Chaves, Antônio Sampaio, e José Soares da Silva; *Yalorixás*: Josepha Maria da Soledade, Elisabeth de França Ferreira, Severina Maria da Conceição, Philomena Maria da Conceição, Gerladina Torquato Braga, e Josepha da Silva.

¹⁵ *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, com primeira edição lançada em 1934.

¹⁶ O que se entendia no passado de Catimbó ou “baixo-espiritismo” é o que hoje se entende de Jurema ou Umbanda. A primeira trata-se de uma modalidade religiosa afrodescendente que mescla símbolos Cristãos e kardecistas aos cultos dos orixás africanos. E a segunda refere-se a uma religião dos orixás associada às práticas caboclas ou mestiças. Na ordem do dia, constituem a maior representatividade afro-religiosa de Pernambuco com 80% dos casos, enquanto o Xangô Tradicional representa apenas 15% dos terreiros do estado. Os outros 5% refere-se à Umbanda Branca ligada aos grupos de espiritismo popular (LIMA, 2005).

Em face destes princípios, o S.H.M. chegou a dispor de assessoria de pais e mães de santo de linhagem considerada “pura” para verificar a existência de charlatões, tidos como sem “competência”. Importa salientar que alguns destes líderes, interessados em buscar proteção policial, e ao mesmo tempo liberdade para suas práticas, não só convidavam os membros deste serviço para assistir aos seus “toques”, como também denunciavam aqueles vistos como “incompetentes” (FERNANDES, 1937). Esta prática engendrava uma rede de intrigas entre os xangôs, possibilitando aos técnicos do S.H.M. uma maior aproximação com terreiros “puros” e mistificados, sobretudo no bojo das casas do rio Água Fria¹⁷, vizinhas à sede do serviço, outrora instalada no edifício do Hospital de Alienados de Pernambuco, na Tamarineira. Tal proximidade acabou por estabelecer um intenso intercâmbio de relações, influenciando na realização do 1º Congresso Afro-Brasileiro, em 1934, no Recife, organizado em conjunto pelos sacerdotes do Beberibe de Baixo e pelos intelectuais do S.H.M., e em cuja abertura realizou-se no Xangô de Anselmo, no arrabalde de Fundão (GUILLEN, 2005).

No entanto, quando da emergência da política do Estado Novo (1837-1945) no Brasil, e, em particular em Pernambuco, baixa-se uma portaria em 1938, proibindo o funcionamento de centros afro-religioso no Recife. A justificativa para essa medida centrava-se na ideia que esses lugares constituíam espaços de degradação das pessoas, o que conformava uma política segregadora e racista, haja vista que essa ação atingia diretamente os grupos afrodescendentes da cidade. Doravante, intensificava-se o controle e a repressão aos negros, em especial aos adeptos dos xangôs do rio Água Fria, na época os terreiros mais conhecidos e monitorados pela polícia e pelo S.H.M.. Não à toa, terem sido estes os primeiros centros a serem fechados, junto com outros aqui citados, com o advento da portaria de 1938.¹⁸

A lista de xangôs proibidos de funcionamento somados com os terreiros listados nos estudos da época possibilita tecer algumas considerações sobre esses cultos no Recife de 1930: 1) O critério utilizado pelos estudiosos na identificação dos xangôs fora muito mais o de expressividade das casas, e da convivência e familiaridade com os pais de santo, associados à um provável maior controle sobre as casas em razão da proximidade física com o S.H.M.. Portanto, as amostras existentes estão longe da exatidão quanto ao número desses

¹⁷ Outrora, tinha-se como exemplos de Xangôs “puros” no Beberibe de Baixo, o Sítio de Pai Adão e o terreiro de Anselmo, e de terreiros impuros, a seita africana de Josefa Guedes Pereira (FERNANDES, 1937).

¹⁸ Sobre os primeiros centros afro-religiosos proibidos de funcionamento, vide a matéria do Diário de Pernambuco, de 1938: FECHADOS pela polícia vários Xangôs. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 de fev. 1938. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

centros, posto que, mesmo na década de 1930, já decerto havia na cidade um número maior destes. 2) Segundo os dados apresentados, não há registro de sedes em bairros do centro do Recife ou em suas proximidades. Isto leva a pensar que o número de terreiros era maior. Por outro lado, as estratégias dos afro-religiosos para escapar das perseguições policiais, com seus inúmeros disfarces, impossibilitaram uma quantificação precisa dos terreiros e possivelmente o registro da existência destes na área central, que, por vez, passava a erradicar seus casebres e mocambos, expulsando os centros afro-religiosos para os arredores da cidade; 3) Os xangôs apresentavam como característica comum o fato de estarem situados de preferência nos subúrbios da cidade, principalmente naqueles ocupados pela população de nível econômico e social mais baixo (RIBEIRO, 1978), comumente residente em mocambos, erguidos dentro das condições topográficas do sítio recifense (Figura 03): ora em áreas elevadas (altos e morros), ora em áreas alagadiças (córregos e manguezais), às margens dos rios da planície.

Ainda sobre essa última consideração, acrescenta-se que o quadro característico do Xangô parece remontar aos primeiros anos de colonização, sobretudo quando se observa a história da presença negra na Zona Norte do Recife. A esse respeito, assegura Brandão (1988) que “os bairros circunvizinhos do rio Beberibe são apontados desde o século XVII como reduto de pobreza e gente de cor. Este fato indica que esta área (o que inclui a Encruzilhada) forma um dos nichos mais antigos de localização de xangôs no Recife”. Nessa perspectiva, não obstante a escassez de registros sobre esta afirmativa de Brandão, torna-se possível deduzir a presença antiga de xangôs na várzea do Beberibe a partir dos relatos encontrados nos *Anais Pernambucano*, de Francisco Pereira da Costa. Nesses *Anais*, há uma menção à existência da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Hora, no povoado de Beberibe, no ano de 1787. Tratava-se de uma congregação composta de “homens de cor”, livres ou escravos, que ergueram na igreja do povoado um altar para sua padroeira, onde celebravam, anualmente, a sua festividade. Segundo Costa (1983, vol. 6, p. 45/46): “as festas de N. S. da Boa Hora [...], precedidas do seu competente novenário, eram afamadas, concorridíssimas, até que desapareceram com o correr dos tempos, como umas tantas outras de iguais acentuações aparatosas”. Talvez a presença desta congregação seja uma prova do sincretismo religioso da época; um indicativo das manifestações afro-religiosas da população negra do rio Beberibe no contexto escravista do século XVIII.

Outro registro importante, datado do segundo decênio do século XIX, diz respeito à existência do Quilombo de Malunguinho, nas matas do Catucá, que começava nos matagais e morros das cidades do Recife e Olinda, no trecho drenado pelo rio Beberibe, estendendo-se ao norte rumo aos povoados dos Macacos, Cova da Onça e Paratibe. Encontrava-se situado, portanto, numa área além da fronteira agrícola da Zona da Mata Norte, incluindo todas as florestas onde moravam negros aquilombados, desde o Recife até Goiana, então a segunda maior vila da província, próxima da fronteira com o estado da Paraíba (Figura 04). Esse quilombo dividia-se em grupos espalhados pelas matas que agiam em conjunto ou separadamente, conforme ditassem as necessidades do momento calcadas nas múltiplas estratégias de sobrevivência e resistência escrava (CARVALHO, 2011).

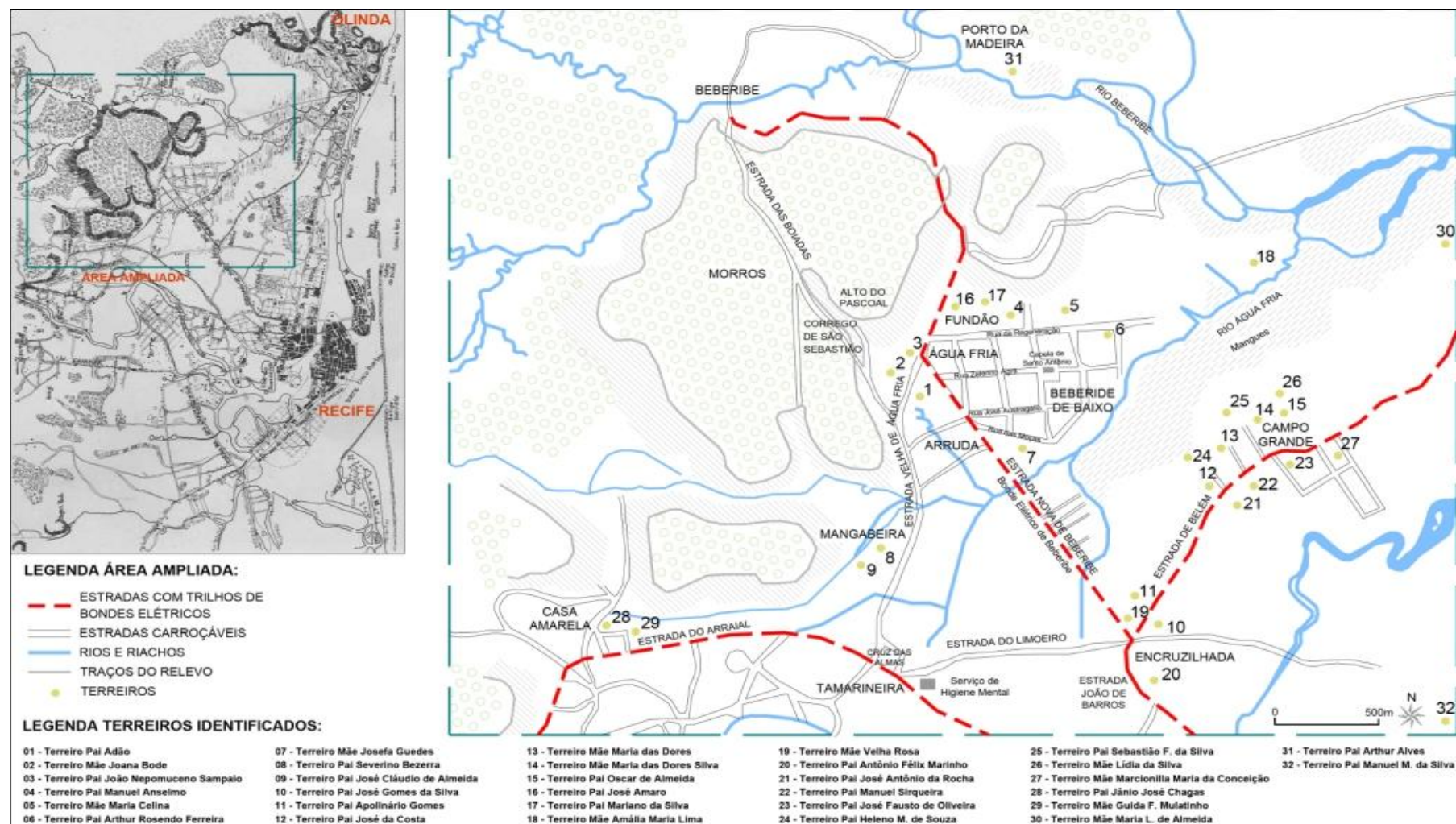


Figura 02: Pormenor da Localização dos Xangôs nos Arrabaldes do Rio Água Fria – 1930 - (Planta da Cidade do Recife e seus Arredores de 1876). Fonte: Menezes, 1988; Lima, 1937; Fernandes, 1937; Cavalcanti, 1935; e Diário de Pernambuco de 1938. Desenho: Autor do texto / Daniella Burle de Loiola.



Figura 03: Sítio Urbano Primitivo do Recife (Baía Entulhada do Recife por J. C. Branner) – o cordão litorâneo (1), a linha costeira de arrecifes (2), as colinas de Olinda (3), as colinas de Jaboatão (4), o rio Capibaribe (5), rio Beberibe (6), rio Água Fria (7), rio Tejió (8), bacia do Pina (9), e o Estuário Comum dos Rios (10). Fonte: Castro (1954).

À luz deste contexto, acredita-se que o caminho de fuga dos escravos começava nas matas setentrionais do Recife, na divisa com Olinda, às margens do rio Beberibe, cujas águas mansas se mostravam navegáveis em toda sua extensão (CARVALHO, 2011; CABRAL DE MELLO, 1992). Tal condição permitia o uso frequente de canoas na comunicação entre as duas cidades, inclusive entre os escravos, que certamente iniciavam o roteiro de suas fugas através do mencionado rio, seguindo pelo leito deste até alcançar às matas do Catucá. Fato histórico que corrobora na análise das razões da concentração do Xangô na zona do Beberibe na primeira metade do século XX, e, por conseguinte, do seu afluente, o rio Água Fria, que igualmente apresentava condições de navegabilidade em seu percurso (MELLO, 1992). Esta característica possivelmente motivou a ocupação das suas margens, através do aterro do manguezal realizado tanto por mocambeiros, como pelos afrodescendentes do Xangô, que ali se fixaram muito em razão da ligação histórica dos seus antepassados (os escravos) com as terras drenadas pelo rio Beberibe. Isto se torna evidente quando se observa na ordem do dia os cânticos

dos terreiros¹⁹ desta região, centrados em evocações ao “Rei Malunguinho”, entidade de grande relevância nas religiões dos orixás de Pernambuco:

Na mata só tem um, é Rei.
O Rei da Mata é Malunguinho.
Firmei meu ponto sim,
No meio da mata sim,
Salve a coroa sim,
Rei Malunguinho.

Outra informação interessante na compreensão da presença histórica de negros na região do Beberibe diz respeito aos relatos de viajantes que estiveram nas cidades de Olinda e Recife nos primeiros decênios do século XIX. Apesar destes registros não mencionarem a existência de manifestações religiosas entre os negros, por dedução pode-se imaginar a presença destes, especialmente nos povoados densamente ocupados por “homens de cor”, onde há descrições valiosas a respeito da escravidão, suas formas de ocupação e moradia. A título de exemplo, o viajante francês Tollenare (1978, p. 22) descreve nos seus diários as seguintes notas sobre o povoado de Beberibe:

Deixando o Recife passa-se pelo povoado de Beberibe, situado sobre o rio do mesmo nome, ornado de lindas casas de campo; e que ali se lava quase a maior parte da roupa do Recife, onde há falta de água doce. [...] todo esse espaço é muito bem povoado por brasileiros, mulatos e negros livres: as casinhas e os jardins se sucedem a pouca distância.

O relato de Tollenare evidencia a importância conferida ao arrabalde de Beberibe no Recife do passado, que desde tempos mais remotos constituía-se em reduto de negros, que buscavam fixar moradia nos lugares mais distantes, à procura de um espaço mais propício para construção de seus mocambos, para o aprendizado e exercício de suas atividades ribeirinhas (lavanderia, canoagem, marcenaria etc.), e, decerto, para a celebração de seus cultos e rituais afro-religiosos. Outrossim, conforme aludido antes, conformava-se a região do Beberibe em território estratégico da resistência escrava, ponto inicial da fuga dos negros rebelados, que se concentravam nas matas do Catucá, refugiando-se do controle e repressão dos grupos hegemônicos de então.

¹⁹ Sobre estes cânticos vide: MOTTA, R. **Jurema**. Recife: Massangana, 1988; PINTO, C. M. **Saravá Jurema: as várias faces de um culto mediúnico**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife.

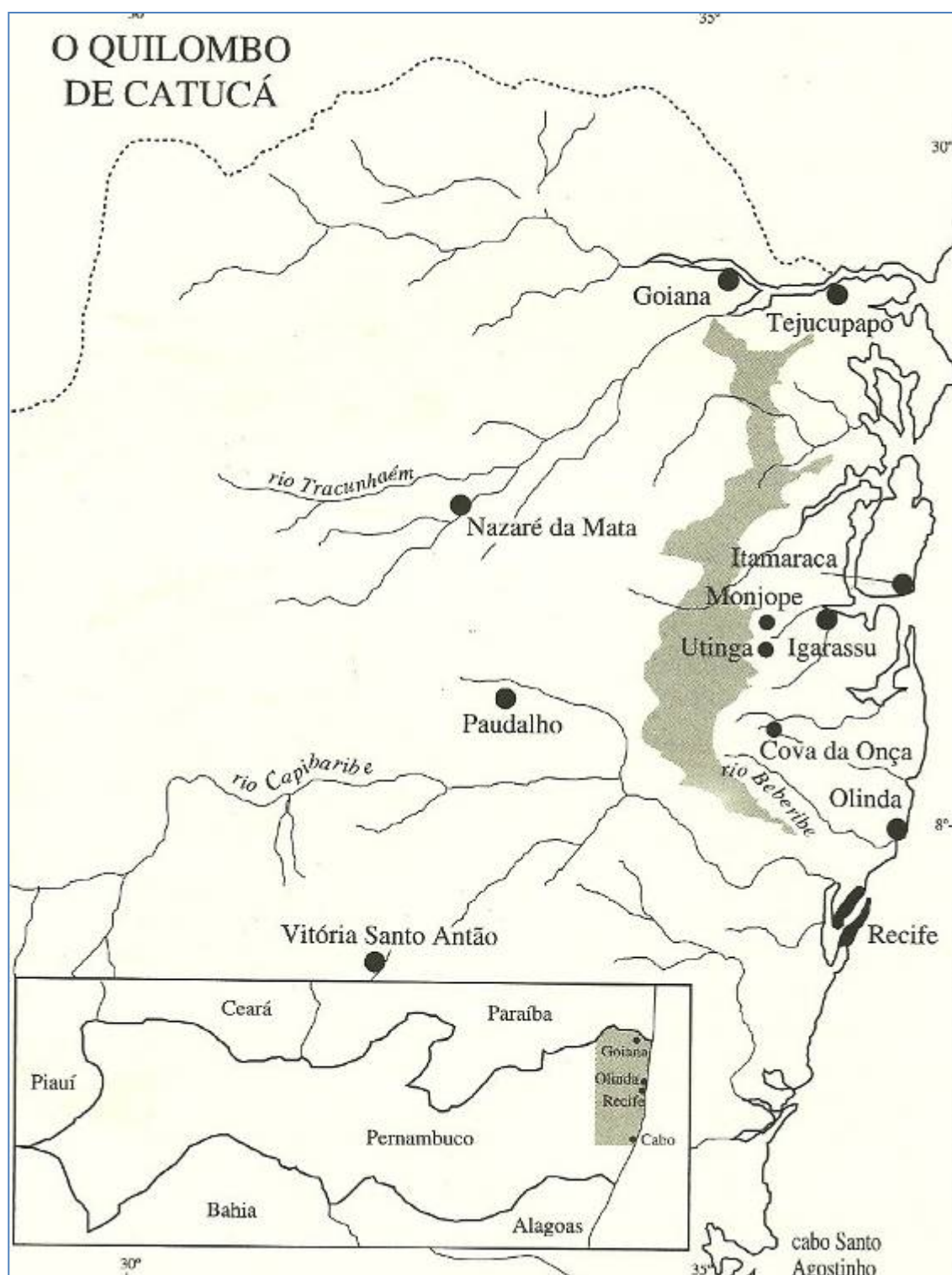


Figura 04: Localização do Quilombo do Malunguinho nas Matas de Catucá, na Zona da Mata Norte de Pernambuco – Início da Resistência Escrava às Margens do Rio Beberibe, entre os Municípios do Recife e Olinda. Fonte: Carvalho (2011).

Afora esses indícios apontados, sobre a origem dos povos negros na circunvizinha do rio Beberibe, vale ressaltar o registro de René Ribeiro (1978) que cita informações acerca dos primórdios do Xangô no Recife a partir de uma gravura de número 105 do *Zoobiblion*, de Zacharias Wagner, que visitara Pernambuco entre os anos de 1634 e 1641. Em suas andanças no território, Wagner se impressiona com os folguedos dos escravos, e, a partir de sua descrição sobre esta “dança de negros” da figura 105, Ribeiro (1978, p. 29) chega à conclusão que se tratava de uma “roda de Xangô”, pois

[...] o mesmo círculo de dançarinos a se movimentar para a esquerda com as atitudes coreográficas características; idêntica posição dos *ogan-ilu* a tocarem dois *atabaques* do tipo comum em toda a África Ocidental e um *agogô*; a jarra de garapa ao lado dos tocadores; a mesma posição e atitude do sacerdote.

Em outra parte do seu texto, Ribeiro (1978) destaca a existência de xangôs no Recife na segunda metade do século XIX, descrevendo o endereço de centros em funcionamento no bairro central de São José e cercanias. Apesar de não citar as fontes dessa afirmação, assegura o autor:

[...] localizam-se no bairro de São José, na rua das Calçadas, dos Pescadores, de S. João, do Gasômetro, e na Campina do Bode; outros ficavam na Boa Vista, na Aldeia dos 14, e Estância - onde Henrique Dias fizera erigir sua capela votiva (RIBEIRO, 1978, p. 36).

De acordo com Brandão (1988), o que se encontra desta época são os registros sobre maracatus. Folguedos do carnaval formados por “grupos descendentes de organização de negros africanos dos séculos passados” (REAL, 1977, p. 67). Destes, o Elefante, fundado em 1800, e o Leão Coroado, de 1863, estão entre os mais antigos. Entre as características destes folguedos estão a escolha de “gente de cor”, e que estes tendem a ter uma ligação mais estreita com os cultos de Xangô, sobretudo os de influência nagô, conforme aponta Real (1977). Não por acaso, ter apontado Ribeiro (1978) que outra hipótese de embrião do Xangô seria os maracatus, tidos como resquícios da instituição dos reis de Congo.

Do final do século XIX, sabe-se ainda a informação referente ao advento de clubes de frevo e troças logo após a abolição de 1888, e que estes reuniam em sua maioria negros.²⁰ Com o afrouxamento do sistema escravocrata, estas pessoas acabaram exercendo funções humildes que passavam a designar o nome de suas associações carnavalescas (Ferreiros, Espanadores, Talhadores, Abanadores, lenhadores etc.), mantendo-as financeiramente através de seus ganhos, e, decerto, os cultos ali realizados. Infelizmente, se há informações desta época a respeito da localização das diversas formas de agremiações carnavalescas (maracatus, clubes de frevo e troças), o mesmo não se pode encontrar com relação à localização dos xangôs. No entanto, pode-se deduzir, a partir das palavras de Brandão (1988), que alguns desses cultos poderiam ter como sede a própria agremiação, ou poderiam se localizar nos bairros (a exemplo de São José) onde havia outras agremiações, ou ainda nos bairros ou arrabaldes em que moravam os negros e seus descendentes.

Nesse sentido, entre o final do século XIX e limiar do século XX, supõe-se que havia algumas agremiações carnavalescas na zona de mocambos do Beberibe de Baixo e adjacências, e que estas também serviram de espaço para celebrações dos cultos afro-religiosos. A partir dos anos de 1930, contudo, tem-se a certeza desta presença ao longo do rio Água Fria²¹, e que estas agremiações se multiplicaram em função de alguns fatores: as reformas urbanas dos bairros centrais, que resultara no deslocamento territorial das associações, mocambos e terreiros para os arredores do Recife (GOMES COSTA, 2009; FRANÇA LIMA, 2005); a chegada de migrantes que trouxeram consigo as práticas e costumes da cultura popular do interior nordestino para Zona Norte da cidade; e as estratégias dos grupos afro-religiosos que camuflavam seus xangôs em agremiações carnavalescas como forma de burlar o controle e repressão dos grupos hegemônicos da época (GOMES COSTA, 2009).

Entrementes, faz-se necessário sublinhar, que estes processos estavam subjacentes à conjuntura política, econômica e social da época, marcada, sobretudo pela abolição da escravatura, e pelo declínio da economia açucareira, que acarretara no fluxo migratório

²⁰ “Dos clubes, o mais antigo é o vassourinhas, fundado em 1889, e o das Pás de Carvoeiro, fundado em 1890. Das troças, a mais antiga é a do Homem do Cachorro do Miúdo, fundada em 1910” (BRANDÃO, 1988, p. 118).

²¹ São exemplos de famosas agremiações às margens do riacho Água Fria: o maracatu-nação Porto Rico, dirigido por Pedro Alcântara e outrora localizado em Água Fria; e o Cambinda Estrela, situado em Campo Grande. Ambos possuíam fortes indícios da presença de cultos da Jurema, segundo estudo realizado por França Lima (2005).

do interior para o Recife. Ademais, a maior abertura de estradas e o desenvolvimento dos transportes, com o advento dos trens a vapor, acabaram por possibilitar ocupação mais acelerada dos arrabaldes, e com ele a proliferação dos mocambos e dos terreiros. A consolidação desta “democratização do subúrbio recifense” (MELLO, 1992) ocorre a partir da segunda década do século XX com a vinda cada vez mais acelerada de uma população pobre à cidade, que passara a se estabelecer nas áreas dos morros, desta vez também oriunda dos mocambos então existentes nos alagados retraídos do centro, e que outrora servira de abrigo aos marginalizados, aos negros libertos da zona açucareira e aos flagelados do Sertão da fome.²² Doravante, esse quadro de ocupação se intensifica nos decênios seguintes (1930-40) com a chegada acelerada de migrantes aos arredores da cidade, impulsionando a conformação da massa urbana contínua do Recife.

Notas Finais: as Estratégias Territoriais Afro-Religiosas às Margens do Rio Água Fria

Conforme observado, a partir do advento do regime do Estado Novo, a cidade do Recife presencia profundas transformações no seu tecido engendradas pela introdução de reformas urbanas calcadas na modernização e “higienização” dos bairros centrais, que tinham, entre outros objetivos, a erradicação dos mocambos, e o controle e repressão aos centros afro-religiosos. Em face deste contexto, os adeptos das religiões afro-brasileiras do rio Água Fria acabaram por elaborar e reelaborar estratégias territoriais frente ao cenário de controle e repressão étnico-religioso da época.

Desse modo, como forma de impedir o fechamento de seus terreiros, os grupos afrodescendentes disfarçavam suas sedes em centros kardecistas ou em agremiações carnavalescas, ou ainda ocultavam seus ancestrais e divindades africanas por trás dos santos católicos. Esses mecanismos possibilitaram a garantia de habitações, trabalho, e lazer, afora a realização de práticas religiosas marginalizadas pelos grupos hegemônicos da época. Outrossim, essas táticas permitiram

Reconstruir as redes de sociabilidade e negociações que foram criadas e (re)criadas em torno desses terrenos, ora por várias vezes deslocados, ora fixados, com o objetivo de garantir suas práticas religiosas, chegando em alguns casos até mesmo a contribuir com o

²² A ocupação dos morros da Zona Norte, mais particularmente nos elevados de Água Fria, teve início ainda no decênio de 1920, conforme se pode constatar na Planta do Departamento de Saúde e Assistência, de 1924, aqui destacado no pormenor da Figura 01 do texto.

processo de ocupação/habitação da localidade onde se fixavam, nas áreas geográficas mais distantes da perseguição policial (GOMES COSTA, 2009, p. 26).

Nestes lugares, em especial nos arrabaldes do Beberibe de Baixo e adjacências, os integrantes dos xangôs encontravam-se imbuídos por um sentido de territorialidade (SACK, 2011; HAESBAERT, 2004), buscando através de suas estratégias um controle territorial como forma de dar continuidade às suas práticas culturais, outrora condenadas pelas estruturas dominantes. Através desta resistência, os afrodescendentes acabaram por ressignificar os espaços na geografia do Recife, então marcada pela presença simultânea de uma *Cidade-Veneza*, desejada pela elite e governantes da época, e uma *Cidade-Catimbó*, reduto dos subalternos do rio Água Fria.

No trabalho ora apresentado buscou-se descrever as razões históricas e os fatores de localização desta *Catimbolândia*, caracterizada pela forte presença de xangôs no bojo dos seus arrabaldes circunvizinhos ao riacho supracitado. A incursão pelo mapeamento destes terreiros, identificando os seus respectivos líderes, no Recife dos anos 30 do século passado, teve como objetivo principal elucidar a formação inicial dos atuais bairros do Arruda, Água Fria, Fundão, Casa Amarela, Encruzilhada, Campo Grande e Beberibe. Essa revisitação esteve centrada dentro um período histórico delimitado (final do século XIX e primeira metade do XX), marcado pela presença e resistência dos grupos afrodescendentes, então determinantes para ocupação e expansão da Zona Norte da cidade.

Referências

A CAMPANHA CONTRA OS “XANGÔS” – Novas apreensões de material. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 de fev. 1938. Fundação Joaquim Nabuco.

ALVAREGA, O. **Registros sonoros do folclore musical brasileiro**. São Paulo. Departamento de Cultura, 1948 – 3 vols. (Vol.1 – Xangô).

ANDRADE, M. C. **Recife: problemática de uma metrópole em região subdesenvolvida**. Recife: UFPE, 1979.

ARAÚJO, R. de C. B. de. **As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

BRANDÃO, M. do C.; MOTTA, R. Adão e Badia: carisma e tradição no Xangô de Pernambuco. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org). **Caminhos da alma: memória afro-brasileira**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. “A localização dos xangôs na cidade do Recife”. In: **Revista Clio**, n. 11, p. 117-135, 1988 (Série História do Nordeste-UFPE).

_____. **Xangôs tradicionais e umbandizados do Recife: Organização Econômica**. 1986. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana – USP. São Paulo.

CABRAL DE MELLO, E. “Canoas do Recife”. In: MAIOR, M. S. & SILVA, L. D. da. **O Recife – Quatro séculos de sua paisagem**. Recife: Editora Massangana, 1992.

CARVALHO, M. J. M. de. “O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco”. In: REIS, J. J. & GOMES, F. dos S. (orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CASTRO, J. de. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **A cidade do Recife - ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CAVALCANTI, P. As Seitas Africanas do Recife. In: **Estudos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro, Editorial Ariel, 1935.

COSTA, F. A. P. da. **Anais pernambucanos**. 2. Ed. Recife: FUNDARPE, 1983. v. 1, 4 e 6.

_____. **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

FECHADOS pela polícia vários xangôs. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de fev. 1938. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

FERNANDES, A. G. **Xangôs do Nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

FREYRE, G. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 1968.

FRANÇA LIMA, I. M. de. **Maracatus-nação, ressignificando velhas histórias**. Recife: Edições Bagaço, 2005.

GUILLEN, I. **Xangôs e maracatus: uma relação historicamente construída**. *Ciências Humanas em Revista*, São Luiz, V. 3, n. 2, dez. 2005.

HAESBAERT, R. Território e territorialidade – um debate. In: **Revista Geographia**, Rio de Janeiro, Vol. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

LIMA, V. **Xangôs**. Recife: Empresa do Jornal do Comércio, 1937.

MELO, M. L. de. **Pernambuco: traços de geografia humana**. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1940.

MENEZES, J. L. M. **Atlas histórico cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.

MOTTA, R. **Jurema**. Recife: Massangana, 1988.

- PEREIRA, Z. D. **O Terreiro Obá Ogunté: parentesco, sucessão e poder**. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- PINTO, C. M. **Saravá Jurema: as várias faces de um culto mediúnico**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife.
- QUEIROZ, M. R. F. **Religiões afro-brasileiras no Recife: intelectuais, policiais e repressão**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- REAL, K. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, 1977.
- RIBEIRO, R. **Cultos afrobrasileiros no Recife**. Recife: MEC/Instituição Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.
- SACK, R. O Significado de Territorialidade. In: DIAS, L. e FERRARI, M. (Org.) **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2011.
- TOLLENARE, L. F. de. **Notas dominicais**. Recife: SESC/Departamento de Cultura. 1978. (Coleção Pernambucana, 1 fase, 16).